

**ALAIN BADIOU**

# Validações

Textos sobre ontologia, matemática e sistema  
(2003-2018)

Norman R. Madarasz  
Organizador



Editora Fundação Fênix

## APRESENTAÇÃO

*Norman R. Madarasz*

A presente coletânea não configura uma tradução para o português de um livro inédito de Alain Badiou, mas trata-se da organização de uma série de traduções de textos disponibilizados em diversas revistas e demais fontes. Apresentamos, portanto, um livro original de Badiou publicado apenas no Brasil, com enfoque particular sobre a matemática, a ontologia e o formalismo. O que motivou sua organização foi a percepção de que existe uma falta considerável de material didático em língua portuguesa, escrito pelo próprio Badiou, em torno dos argumentos e das fundamentações teóricas do sistema que o filósofo vem construindo há mais de três décadas.

Nesta coletânea, o leitor encontrará a tradução (i) de uma série de artigos, alguns já publicados em revistas brasileiras; (ii) da transcrição de aulas e de conferências, todas inéditas em português; e (iii) de três entrevistas cobrindo o período desde a publicação em 2006 do segundo volume do projeto sobre o ser e o acontecimento, *Logiques des mondes (Lógicas dos mundos)*. As traduções foram produzidas pelos integrantes do Grupo de Pesquisa “Sistema e Estrutura” (CNPq), contando com pesquisadores e doutorandos em sua maioria vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. A coletânea decorre do seminário que ministrei no segundo semestre de 2018, “Badiou: elogio do sistema”, em comemoração dos trinta anos da publicação de uma das principais obras de filosofia francesa contemporânea, *L'Être et l'événement*. O objetivo fora então ler e comentar o livro em quinze aulas, trabalho que procurei desenvolver seguindo as “meditações” nele presentes.



Em 2018, Badiou completou seu sistema com a publicação do último volume da trilogia *L'Être et l'événement*. Seu título, *L'Immanence des vérités* (“A Imanência das verdades”) aponta para uma mudança de foco analítico na construção do projeto. Neste terceiro volume, embora as teses fundacionais sejam mantidas, a tese segundo a qual a ontologia é a matemática formalizada

pela teoria dos conjuntos foi submetida a uma reorganização crítica. O livro apresentará assim uma teoria da verdade mapeada através de conjuntos genéricos e classes de infinitos, fazendo variar o modelo de sujeito estruturado pela ontologia para se focar na riqueza propositiva do conceito de *obra*. Decerto, em 2018, durante sua intervenção agora conhecida como “Conferência de Praga”, ou seja, a conferência de encerramento do *Colóquio Badiou: Thinking the Infinite*, o filósofo se afastara publicamente do aspecto totalizador da equação “matemática = ontologia”, tese explicitamente defendida desde as primeiras páginas de *L'Être et l'événement*.<sup>1</sup> Contudo, tal gesto apenas trará mais precisão sobre relação entre ontologia, filosofia e matemática a partir de uma perspectiva sobre o real. A configuração já esvaziava toda forma de interpretação subjetiva enquanto condicionante de um pensamento do infinito múltiplo. A escrita proporcionada pela teoria dos conjuntos continuará encontrando os infinitos múltiplos de grande abrangência quando a língua conceitual natural parece almejar esta intensidade da multiplicidade apenas, ou principalmente, sob forma do Uno.

Desta forma, *L'Immanence des vérités* atualiza a tese ontológica central do sistema de Badiou, aprofundada pelos teoremas sobre os “grandes cardinais” sendo demonstrados pela teoria dos conjuntos durante estes últimos trinta e alguns anos. O livro visa iniciar o leitor em uma árida topologia das estruturações internas das instâncias da verdade genérica. A teoria contemporânea dos grandes cardinais, ou seja, das classes infinitas, fornece a Badiou as possibilidades teóricas para juntar ainda melhor a matemática à filosofia primeira. O espaço de criação destas verdades não só é prolífico, o que Badiou sempre defendera, mas *existe* realmente em um espaço V. Porém, tal conclusão não podia ser inferida apenas através dos nove axiomas da teoria dos conjuntos. Desenvolvimentos recentes têm levado matemáticos a aplicar mecanismos tais como o do forçamento e o dos ultrafiltros a fim de estabelecer protocolos de existência de cardinais infinitos que não destoem da coerência do universo teórico logrado pelos axiomas.

---

<sup>1</sup> A Conferência de Praga foi ministrada por Badiou em inglês em 12 de abril de 2018. Está disponível para visualização sob o título genérico de “Alain Badiou: Five Points – Final Speech” no site do Prague Axiomatic Circle, grupo de pesquisa organizador do colóquio em: <https://www.youtube.com/watch?v=iWws287P1OU>

A conclusão desta integração filosófica dos resultados da pesquisa matemática é instigante: ela torna possível postular que o universo não é tanto composto por matéria física (mesmo quântica ou supercordas) quanto por conjuntos, por múltiplos. Em outras palavras, ao invés de o “universo” ser um parâmetro-limite postulado internamente pela teoria dos conjuntos, a ampliação em direção aos grandes cardinais infinitos demonstra que o universo em questão nesta teoria corresponde ao mesmo conceito que move a astrofísica; ou seja, o multiverso, cujo último tamanho se relaciona ao que a filosofia denominava classicamente pelo termo de “absoluto”. Se puder ser verificado, tal resultado conferiria um novo instrumento teórico à filosofia, não tanto em sua pretensão de ser ciência primeira, mas enquanto configurante de um poderoso discurso que vincularia a justiça a um pensamento radical do comum – cuja escrita nada mais é que a matemática dos conjuntos. Ao se posicionar em uma perspectiva transhistórica, esta nova configuração retoma questões de justiça e de direito internacional logicamente demonstradas pelos escolásticos de Salamanca, entre outros teóricos do direito natural, mas com evidentes ressalvas até para a matemática contemporânea. Da mesma forma que é discutível se uma teoria de *jus gentium*, de *societas* e em especial o conceito de *totus orbis* mantêm seus significados epocais depois das Revoluções republicanas, antiescravistas e comunistas, também será questionável se o conceito geral de conjunto – lembrando-se da definição do matemático Georg Cantor: uma coleção, considerada como um todo, de objetos distintos e definidos de nossa intuição – preserva sua homogeneidade em relação ao termo (conjuntístico) de classe. Será que uma classe é ainda um conjunto, mesmo se a primeira fora idealizada meramente como maior do segundo? Sim e não: sendo transitiva aos ordinais, uma classe é um conjunto devido a suas partes, mas estas partes em vários casos de grandes cardinais são irreduzíveis aos elementos. Para classes infinitas, quantas partes um conjunto possui é a questão central da investigação. Entre tais partes torna-se possível incluir os indiscerníveis em uma escala não enumerável, espaço em que o múltiplo acaba transitando *verdadeiramente* entre o todo e o falso.

Esta nova força adquirida pela filosofia surge de sua reconfiguração a partir do sistema. Sua progressão, na obra de Badiou, se organizou através das seguintes etapas, cuja periodicidade não é perfeitamente descontínua, nem

completamente linear:

- (i) De 1968 até meados dos anos 1970: articulação de um pensamento radical conduzido pelo projeto de uma ciência formal de política revolucionária, cujo norte é a verdade lógico-formalista, passando pelos princípios organizacionais do maoísmo e da invenção política. Houve também o envolvimento de Badiou nas artes teatrais e literárias da vanguarda parisiense e, como se espera de um *agrégé* em filosofia, a execução de tarefas administrativas vinculadas ao Estado francês: produção de uma série de gravações, entre 1965 e 1968, de entrevistas com filósofos destinadas à televisão pública francesa. Outro destaque foi a constituição, em 1969, do corpo docente do programa de filosofia do Centro Universitário Experimental de Vincennes, a futura Universidade Vincennes- Paris 8, em uma parceria decorrente de um convite feito por Michel Foucault, que ocupará o cargo de coordenador do programa;
- (ii) Fim dos anos 1970 até 1984: primeira articulação de uma nova teoria do sujeito a partir de um processo que reorganizava a relação entre filosofia e política, após anos de sutura, em um formalismo antifilosófico, exemplificado pelos livros *Théorie du sujet* (1982) e *Peut-on penser la politique aujourd'hui?* (1986);
- (iii) De 1984 até 2005: apresentação de uma nova teoria do sujeito genérico, distribuída nas quatro possíveis condições discursivas em que verdades são efetivo e historicamente construídas. Os parâmetros destas condições são estruturados pelo campo axiomático da teoria matemática do múltiplo puro, fazendo delas também as condições pelo surgimento transhistórico da filosofia. Em virtude deste entrelaçamento, o que a teoria dos conjuntos axiomatiza é a ciência que vinha ocupar o lugar de uma filosofia primeira, a saber, a ontologia. As bases da nova ontologia matemática estavam em voga já no fim do século dezanove embora sem o adequado desenvolvimento quanto às implicações para uma ciência do ser vinculada às descobertas monumentais de Cantor, quando este desvinculou o infinito do Uno. Decerto, Cantor emancipara o infinito para recompô-lo no domínio do múltiplo. A dinâmica desta ontologia matemática é inferencial e não dialética, formalizada pelos axiomas do modelo conjuntístico de E. Zermelo e A. Fraenkel, em referência a duas etapas de sistematização individualmente realizadas por ambos em 1908 e 1922, respectivamente. Além dos seus oito axiomas, este modelo admite também o axioma da escolha (o que permite a comparação entre conjuntos). Juntado ao axioma da potência, mostra-se que o número de subconjuntos  $p(x)$  de um conjunto  $X$  é necessariamente superior ao número de elementos  $x$  do mesmo conjunto quando sua cardinalidade for superior a 1. Quando aplicados a conjuntos infinitos, deste axioma se infere uma Hipótese do Contínuo (HC), esquema teórica apresentada por Cantor em 1878 que postula que o infinito não tem apenas o tamanho  $\mathbb{N}$ . Conquanto é possível demonstrar que existem números que não são bem ordenados, Cantor determinou que o contínuo  $\mathbb{R}$  era maior que  $\mathbb{N}$ . A questão que então surgia era de saber se entre os dois se encontrava outra classe infinito. Ora, pelo modelo ZFC, HC será considerada independente em relação aos axiomas. Ser independente decorre de seu valor de verdade ser indecidível, se forem aceitas as conclusões opostas de K. Gödel de que a hipótese é verdadeira (não podendo ser refutada) e de P. Cohen, segundo o qual ela é falsa (não podendo ser demonstrada). A condição de independência foi preconizada em processos de formalização conforme o segundo teorema de

incompletude de Gödel. Na perspectiva ontológica, a questão mais interessante se inicia a partir deste ponto, pois permite aplicar o conceito chave de acontecimento em um contexto crítico para a teoria unitária do infinito. A formalização subsequente de Badiou mapeia um processo de subjetivação, por meio da operação de forçamento – a simulação da extensão do universo conjuntístico que pode ser configurada em uma classe sem que tenha propriedades, isto é, elementos. No entendimento da ontologia, a dinâmica de tal classe terá sido despertada por um acontecimento, mas como se deve no argumento de Badiou sua construção passa pela tipificação de verdades locais cuja verificação é assegurada pelos axiomas. A realização progressiva de ampliação deste conjunto – protótipo do sujeito genérico -- é proporcionada pela disciplina de uma ética das verdades e arruinada pelas figuras estruturais do desastre. Na conclusão desta primeira etapa de *O Ser e o Acontecimento*, a filosofia pode ser vista voltando a dar prioridade ao estudo das verdades, mas Badiou salientará que filosofia mesma não produz verdade alguma;

- (iv) De 1992 até 2015: complementação das categorias de localização da “situação” e do “estado da situação” para um sujeito, o contexto de *L'Être et l'événement*, agora através da noção de mundo possível, cujos modelos de formalização são a teoria das categorias de W. Lawvere e a teoria geral dos topoi de A. Grothendieck. O foco neste segundo volume do sistema se volta para um modelo transcendental do aparecer. O modelo implica que pela filosofia é possível rearticular os componentes clássicos pelos quais se fundamenta o conceito de mundo. Desta forma, as categorias de objeto, de mudança, de ponto, de vida e sobretudo de *corpo*, nas relações de força perante a aceitação ou não do acontecimento, são reestruturadas a partir de uma modelização transcendental da sua intensidade de existência e de identidade. Vale ressaltar que a identidade nesta configuração não remete mais a uma lógica binária aristotélica, e menos ainda a um essencialismo, mas, sim, a uma relação entre um objeto e ele mesmo traçado conforme a nomenclatura da teoria por um morfismo (ou flecha). Trata-se do fundamento de uma teoria de indexação do grau de diferenças que aparecem em mundo, especificamente as que compõem uma categoria. Em outros termos, a identidade é uma função (diferencial) aplicada a um elemento fundacional de uma categoria, enquanto um complexo categorial forma uma parte indexada pelo termo “átomo” – a partir da qual se torna possível visualizar a configuração pujante de um mundo. Se uma coisa estiver no mundo enquanto múltiplo sem qualidade ou sem corpo, como sustenta a ontologia, então o transcendental serve para medir o grau de seu *aparecer* que prossegue pela complexidade crescente da configuração categorial: o grau máximo faz com que se trate de uma existência sem limitações, mas quando o grau for mínimo a identidade é inexistente. Portanto, esta nova teoria de existência resulta de uma medida que regula, por assim dizer, o aparecer de um múltiplo. Neste ótico, o novo conceito de corpo será postulado como suporte da verdade genérica, cujo caráter acontecimental determina a maximalidade existencial necessitada para que seja ampliado seu escopo de existência até se criar um novo mundo. Sua intensidade é medida na indexação que lhe é conferida pelo conjunto de regras compondo o transcendental. Ao contrário de *L'Être et l'événement*, que apostava em um realismo matemático para formalizar a ontologia, assim refutando e rompendo com as tradições da fenomenologia, do existencialismo e da hermenêutica, *Logiques des mondes* apresenta uma lógica relacional de fenômenos – uma fenômeno-lógica – que suplementa a idealização contemporânea do mundo por uma triangulação em que a verdade é reinserida. Ao invés da dita proposição pós-moderna primária de

um *materialismo democrático* segundo a qual “só existem linguagem e corpo”, a nova teoria dos mundos de Badiou afirmará uma *dialética materialista* em que existem linguagem e corpo, além da existência também da própria verdade. Pela perspectiva da existência, há naturalmente de se considerar as formas de subjetivação que não são genéricas, formas subjetivas que desviam a força implicativa e consequencial do sítio acontecimental, em relação ao qual Badiou tece uma teoria dos afetos existenciais. Consequentemente, a metafísica denominará qualquer teoria que desconheça a separação irreduzível entre lógica e matemática, quando a fidelidade a uma filosofia radical do comum se expressará em direção ao corpo genérico acontecimental;

- (v) 2013 até o presente: após diversas apresentações e aulas, a teoria da verdade implicada pela matemática dos grandes cardinais alcança o público geral em 2018. Esta teoria se propõe a analisar a possibilidade da existência de um conjunto infinito que é um contraexemplo da HC, isto é, ou é enumerável ou tem um subconjunto perfeito (sem lacunas). A primeira etapa do argumento em *L’Immanence des vérités* consiste em um recenseamento da finitude a fim de identificar o tipo de dinâmica que contribui a um recobrimento recorrente que se constata a respeito da potência dos infinitos. Para tanto, Badiou organiza uma dialética entre dejetos e obra, na qual aproxima a nova hipótese comunista aos meios de criação de uma obra que supera as limitações da finitude vitalista repetitiva e das filosofias socioliberais servis. Tão restritivas quanto tais lamentações finitistas seriam, uma só variedade ainda permanece pouca diferente de uma finitude opressiva, pois trata-se de processo de recobrimento formal e topológico visando a bloquear o modo pelo qual se acessa ao real. O dejetos sobretudo participa enquanto ato de uma suposta impossível possibilidade de outros infinitos. Enquanto teoria, o recobrimento se esforça em refutar ontologias que afirmam a grandeza crescente dos conjuntos. Convocada novamente, a teoria dos conjuntos demonstra outra perspectiva, a de que o infinito se pensa atualmente na matemática por meio de uma hierarquia cumulativa de classes/múltiplos infinitos, a hierarquia denominada V. Por isso, entender os infinitos necessita a aprendizagem de demonstrações matemáticas – a verdadeira “arque-escrita”. Além de não ter limite, o infinito a partir de Cantor vai se distinguindo por *procedimentos* de demonstrações constitutivas, isto é, de provas. Badiou apresenta quatro estruturas, quatro *tipologias*, para pensar os meios que permitem acessar a irreduzibilidade dos infinitos em uso na matemática, apenas o último dando acesso ao que será denominado *absoluto*: (tipo-1) o infinito limitado à inacessibilidade pela transcendência operatória, isto é, ao Uno em sua função e não enquanto essência; (tipo-2) o infinito que resiste a uma partição interna (através dos procedimentos aritméticos por exemplo) e se apresenta em sucessão da compacidade, conforme a *teorema* de Ramsey, que será superada pelo *cardinal* de Ramsey mesmo, sendo transcendente diz respeito a ômega, o infinito terminal dos ordinais, que são transitivos e portanto enumeráveis; (tipo-3) o infinito agora em prol a um crescimento interno de um conjunto infinito de grandes partes, discernível por um dispositivo de medida, o “ultrafiltro”, pelo qual racionalmente se demonstra a existência do conceito de “cardinal completo”, um grande cardinal não enumerável, ou seja, maior que  $\aleph_1$ ; e (tipo-4) pela técnica do ponto crítico pelo qual se projeta de maneira retroativa, a partir da hierarquia cumulativa dos conjuntos infinitos, por uma função de “embedding”, ou seja, de imersão elementar em um grande cardinal  $\kappa$ , subconjunto da classe absoluta V, com o conjunto

$o^\#$  (zero suspenso). Em francês, Badiou traduz a noção de “embedding” em “plongée”, o que traduzimos por “imersão”, função equivalente a um “ultrafiltro” dito não principal de um conjunto quase idêntico à classe absoluta  $V$ . Este conjunto possui o caráter aproximativo, mas não idêntico, de semelhança com  $V$ , demonstrado formalmente no teorema de Jensen como o absoluto inconsistente. Por ser o conjunto transitivo mais próximo a um cardinal completo, esta classe quase-absoluta determina que é pela diferença conduzida por um único elemento que se pode, como se se tratasse de uma função sobre um atributo da ontologia monista de Espinosa, aceder ao absoluto. Embora não denominado  $V$  em *O Ser e o Acontecimento*, o universo dos múltiplos inconsistentes figurava como pano de fundo da situação basilar, mesmo que este conceito de situação ainda deixava sobrepostos os múltiplos inconsistentes com o vazio. De todo modo, nenhum dos dois recebia uma determinação existencial, mas não houve também nenhuma aproximação do vazio ao absoluto, nem que seja nominativa. A partir da situação, o genérico surgia de forma indiscernível, porém sempre em um *estado da situação*. O que lhe sustentava do lado de fora não entrava na especulação do conteúdo de um sujeito genérico, pois o genérico escapa do axioma de escolha, isto é, não se apresentava nenhum protocolo de comparação entre o conjunto genérico e outros conjuntos senão o universo sem limite dos conjuntos mesmo, pois o genérico se compõe só de partes, mas não de elementos. A estratégia teórica de Badiou transita à outra perspectiva neste último livro. Nas quatro técnicas de provas do infinito, *L’Immanence des vérités* formaliza uma teoria imersiva da forma diferencial das verdades pelas quais se compõe a força de sujeição implicada por um conjunto genérico. O seminário de Badiou apresentara os capítulos deste livro magistral, não obstante seu tratamento singularmente filosófico. Demonstrava-se o caminho pelo qual se constrói uma classe infinita *existencial*. A classe absoluta quase-completa  $k$  será um infinito diferenciado que proporciona uma modificação estrutural do conceito denominado *obra*. Pela sua capacidade a captar tal infinito, esta obra singular se mostra propícia a ser denominada “obra de verdade”. A multiplicidade que a compõe se destaca por uma intensidade sem precedente, com o conceito de indexo sendo novamente convocado para fixá-lo neste ponto. Ausente do primeiro volume, curiosamente silencioso para uma filosofia comunista, o conceito de *obra* volta ao final deste projeto monumental. O livro exigira do leitor a imersão plena em teoremas e demonstrações, apenas por meio dos quais a hierarquia dos infinitos se torna inteligível. Mas será que a matemática neste livro se inscreve no sistema ainda na forma de uma ontologia? Creio que a matemática se afirma talvez mais fortemente do que no passado, como *condição* da filosofia, o que significa, no sistema, que a filosofia está *sob* sua condição, a ontologia se dissolvendo cada vez mais na in-existência da não-identidade do vazio. Pois, em *A Imanência das verdades*, a ontologia não se manifesta mais como forma apenas no surgimento do sujeito radicalmente novo. Ela mapeia o multiverso, cuja composição passa por múltiplos infinitos.

Desta maneira, é possível ver que, apesar das aparências, o objeto principal da filosofia de Badiou não é apenas uma ontologia, nem sequer uma ontologia matemática, mas uma teoria recursiva do sujeito na qual os modelos kantiano, husserliano e freudiano se encontram superados. No entanto, por motivo de sua obra ter sido pouco traduzida, compreende-se que tal sutileza



escapa à compreensão. Sem traduções não há ampla criação filosófica – constatação frustrante quanto ao momento presente tanto no Brasil quanto em geral no mundo lusófono, liderado pelo mau exemplo da passividade de Portugal. Sem ampla criação filosófica, não há descobrimentos científicos originais. Que os dogmáticos da Ciência com C maiúsculo sejam avisados!

Cabe assim propor um dever. Conquanto cada doutorando brasileiro de filosofia deva conhecer vários idiomas, a instituição de ensino superior tem ainda uma responsabilidade ética de evitar de transformar a filosofia de pesquisa em uma atividade acessível apenas às elites políglotas. Por isso devemos exigir traduções. Desde a grande época da filosofia árabe e judaica na Córdoba dos Omíadas, os programas de tradução em Damasco e Cairo, e a criação do *Bayt al-Hikmah*, a Casa da Sabedoria, na Bagdá do Califado Abássida, a arte da tradução representa uma capacidade técnica fundamental para a progressão do campo filosófico. De cada novo doutor em filosofia formado no Brasil deveria ser exigido a tradução de um livro fundamental da produção internacional como retorno social do privilégio de ter se formado nesta ciência fundamental.

Indico assim a ausência da tradução de *Logiques de mondes* apenas para salientar o que se perde no que diz respeito a uma configuração maior do sistema criado por Badiou, o que retira dos leitores monolíngues uma perspectiva sobre um dos projetos filosóficos mais importantes destes últimos tempos. Sua ausência na bibliografia lusófona é o sintoma de um campo de pesquisa filosófica governado pela hegemonia da fenomenologia e da teoria crítica. Nesta hegemonia o conceito de *consciência* permanece em grande parte naturalizado, não obstante a integração da consciência pelas neurociências em seus próprios projetos de pesquisa. No passado, numa época não tão distante, podia até ter parecido incompreensível para filósofos que nem a psicologia cognitiva nem a neurociência apostavam em pesquisar “a consciência”. O que então parecia a auge da instrumentalidade científica hoje mostra sua prudência diante do essencialismo filosófico herdado do século XIX. Constatação pela qual é possível afirmar, a partir da bibliografia em língua portuguesa, a seguinte conclusão: ou a fenomenologia será fundamentada no sujeito intencional e na emergência da consciência através de suas camadas “passivas”, ou não se sustentará metodologicamente. Pois da existência da consciência nenhum

fenomenólogo duvida a tal ponto que, após décadas de contestação e não obstante a proliferação de orientações filosóficas subjacentes cuja explicitação teórica é frequentemente desprezada, hoje um grande número de neurocientistas também aposta na naturalidade da consciência!

Ora, *Logiques des mondes* desenvolve uma fenômeno-lógica na qual nem o sujeito tampouco a consciência são pressupostos. No entanto, seu programa não procura uma suplementação biológica, ao menos não a partir dos modelos construídos pela experimentação biomédica guiada pelos interesses comerciais das indústrias farmacêuticas. *Logiques des mondes* apresenta uma teoria do corpo distribuído por afetos, veículo das verdades criadoras de novos mundos e de novas economias igualitárias. A ciência da formalização topológica será, de acordo com Badiou, a tecnologia que dará conta das possibilidades de se erguer um mundo em fidelidade a um conjunto de verdades distribuídas em vista de um igualitarismo fundacional.



O título *Validações* remete ao espírito de prova e de lógica demonstrativa na interlocução que Badiou mantém com a matemática, simbolizada  $\vdash$ . Sob ataque por membros deste governo, a filosofia precisa da estrutura do sistema para que seus fins éticos sejam expressos pela produção de verdades. A verdade produzida na sua interlocução com a política de emancipação faz com que a desigualdade e a estratificação social proporcionadas pela legalidade da propriedade privada só serão revertidas se foram conceitualizadas pela hipótese comunista. Portanto, apenas uma política de esquerda valida a fixação da ideia comunista. A gratuidade essencial de todos os saberes se junta a esta política que recursivamente determina os fins da filosofia.

O livro está estruturado em quatro partes: (i) situação do sistema, (ii) componentes do sistema, (iii) condições do sistema e (iv) a matemática no sistema. Os capítulos são enumerados pela beleza dos algarismos hindu-arábicos contemporâneos, ditos orientais, pois os números usados no ocidente já são árabes...

Na seção Situação do Sistema, apresenta-se a conferência ministrada por Badiou em Atenas em 2008, na qual articula uma comparação entre *L'Être et*

*l'événement* e *Logiques des mondes*. A tradução é de Federico Orsini, pesquisador italiano do PPG em Filosofia da PUCRS, e principal tradutor da *Ciência da Lógica* de Hegel para a língua portuguesa. Ele nos prestigiou neste livro com mais uma instância da sua fina arte interlinguística.

A seção seguinte, Componentes do Sistema, inicia-se com a tradução do posicionamento formalizado por Badiou alguns anos depois da famosa disputa com os deleuzianos despertada por seu livro *O Clamor do Ser*. O texto é de 2000, três anos depois da aparição do livro, tendo sido publicado originalmente na revista *Multitudes*. Em 2009, tive a oportunidade de organizar o primeiro dossiê sobre a filosofia de Alain Badiou no Brasil, publicado na revista *Ethica. Cadernos acadêmicos*. O artigo “Oito Teses sobre o Universal”, publicado originalmente em 2004 pelo Centro Internacional de Estudos sobre Filosofia Francesa Contemporânea (CEIPFC), um laboratório de pesquisa criado por Badiou quando era diretor do programa de filosofia na École Normale Supérieure, aprofunda as teses de *L'Être et l'événement* no momento em que *Logiques des mondes* lhe afastava da proposta ontológica. As teses operam de tal forma que encaminham um movimento da incompletude do universo conjuntístico, cuja consistência é assegurada por regras dedutivas necessariamente bivalentes, à pluralidade de mundos possíveis suscetíveis de construir tantas lógicas quanto a coerência puder assegurar. A tradução seguinte, do artigo “Sistema do sistema”, escrito por volta de 2012, configura na verdade uma publicação que apareceu originariamente em língua portuguesa. Fez parte do dossiê que organizei para a revista *Veritas* sobre a ontologia repensada pela filosofia francesa contemporânea, a partir de textos atuais produzidos por filósofos morando na França. No encerramento desta seção de nosso livro, a tradução da conferência “O Finito e o Infinito” é incluída como contribuição *copyleft* ao público brasileiro. Ministrada para uma turma de alunos do ensino fundamental de Montreuil, na periferia de Paris, o texto não apenas apresenta a um público não especialista as relações entre o finito e o infinito, mas desenvolve literalmente a principal linha argumentativa de *L'Immanence des vérités*. Por ter sido um texto dirigido a um público infanto-juvenil, mantivemos o tom de seu pronunciamento original. Trata-se, desta forma, de um instrumento imprescindível para a explicação das ambições matemáticas do sistema em sua linguagem comum.

A terceira seção, *Condições no Sistema*, conta com a tradução de duas aulas de Badiou ministradas quando ainda professor na *École Normale Supérieure*. Vale lembrar a ação de censura seguido de afastamento de que ele foi vítima no final de 2015. Após os ataques terroristas que abalaram Paris em novembro de 2015, Badiou propôs uma leitura corajosa das causas do problema social que poderia ter levado pessoas desesperadas da população de origem magrebina, morando nas periferias das grandes cidades francesas, a cometer os deploráveis atos que mataram mais de duzentos jovens. Em decorrência de “obscuras” razões administrativas, Badiou será obrigado a encerrar seu seminário na *École*. Na verdade, lhe fora aplicado um método indireto de afastamento das suas funções: enquanto que desde muito ministrava aulas na maior sala da *École*, pois seu público ultrapassava as duzentas pessoas, então apenas uma pequena sala lhe será designada. Em consequência disto, Badiou recebera o convite do *Théâtre de la Commune*, em Aubervilliers, para transferir seu seminário para o auditório principal, com capacidade de até duzentas e cinquenta pessoas. E lá ele ministrará seu curso até se aposentar em 2017 aos oitenta anos de idade. Quanto ao âmbito da *École Normale Supérieure*, referente ao período descrito anteriormente, Badiou periodicamente integrou conferências em suas aulas normais. Tal é o caso da conferência-aula sobre o artista *Dadá*, *Marcel Duchamp*, em 2007, e de uma segunda, sobre a *Feminilidade*, seis anos depois. Embora se focalizando nas condições artísticas e amorosas da filosofia, estas duas conferências representavam igualmente um espaço de conceitualização que concernia aos pressupostos gerais do conceito de *genérico*, fundamental para reconstruir uma teoria de um sujeito pós-fenomenológico.

Já a última seção deste livro se compõe de três entrevistas sobre a *Matemática no Sistema*. A primeira entrevista foi publicada na tradução para a língua inglesa da segunda edição do primeiro livro de filosofia de Badiou, que reunia duas conferências previstas para os meses de maio e junho de 1968, tendo sido pronunciada apenas a primeira. Seu livro publicado subsequentemente, *O Conceito de Modelo*, pela Editora *François Maspero*, articulava uma crítica radical da ciência institucional através de seus pressupostos ideológicos. Buscava-se assim estender o caminho conceitual aberto pelo formalismo estruturalista até uma ciência comunista verdadeira.

Uma ciência comunista, porque se estrutura de maneira imanente ao absoluto ele mesmo, um absoluto que não possui “ser” mas que não deixa de trabalhar com subconjuntos e partes que são alimentados por seus critérios. Nesta publicação, Badiou foi entrevistada pelo filósofo e professor chinês, Tzuchien Tho, então aluno em Paris. O livro está disponível por meio de *copyleft*, e agradecemos ao professor Tzuchien pelo texto. No mesmo dossiê da revista *Êthica* em que publiquei a tradução das “Oito Teses sobre o Universal”, traduzi igualmente a entrevista que fiz com Badiou, junto ao professor grego Marios Constantino, apoiada pela revista *Society and Space*. Retomo-a aqui em uma versão levemente editada a fim de focar nas questões pessoais e específicas que fiz a Badiou sobre a matemática e a lógica em suas diferentes abordagens entre *L’Être et l’événement* e *Logiques des mondes*. Trata-se então da condição da política de emancipação, o que levou à primeira afirmação publicada das novas teses sobre a Hipótese Comunista desenvolvidas pelo livro sobre o então presidente francês, Nicolas Sarkozy. Lá a Hipótese Comunista se afirmara como fim e horizonte do pensamento estrutural surgido em decorrência do colapso do sistema financeiro ocidental em 2007-2008, um sistema que fora salvo apenas por medidas contrárias a todos os princípios da economia do *laissez-faire*, a saber, pelo patrimônio público do Estado. Cabe ressaltar também que salvo referência explícita à importante tradução brasileira de *L’Être et l’événement* e ao dossiê da revista *Êthica*, todas as aparições neste livro do termo francês “*événement*” serão traduzidas por *acontecimento*, e não por “evento”. Assim sendo usaremos o título *O Ser e o Acontecimento* para traduzir *L’Être et l’événement*. Esta última seção termina com uma entrevista realizada com Giovanni Minozzi, da Universidade de Padova, recentemente publicada na Itália, na qual Badiou apresenta as teses gerais de *L’Immanence des vérités*.

Ao final do deste livro, encontra-se uma breve descrição das atividades do grupo de pesquisa “Sistema e Estrutura”, e também informações biográficas sobre os tradutores e revisores, aos quais agradeço imensamente pelo empenho. Meus agradecimentos à equipe da Editora Fundação Fênix pela produção, e especialmente ao Doutor Jair Tauchen pelo acompanhamento. Embora sendo um grupo de pesquisa vinculado ao CNPq, suas produções, bem como esta publicação, foram realizadas junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES) por meio da Bolsa de Programas de Excelência, que financiou tanto as traduções quanto a produção do livro.



Por fim, agradeço a Alain Badiou pela formação doutoral recebida e pelos projetos realizados em comum. Mais ainda lhe agradeço por ter me ensinado que manter-se fiel à verdade é escopo a ser vivido através da construção de uma obra, condição *sine qua non* para se mover, trabalhar e criar pelos infinitos. Minhas reflexões e análises críticas sobre sua filosofia virão em breve no livro *Seis Estudos sobre o sistema filosófico de Alain Badiou*, com publicação prevista para 2020. A obra musical do produtor, compositor e baixista extraordinário Bill Laswell acompanhou a organização deste livro.

Uma observação final sobre a tradução: alguns dos textos presentes neste volume, por razões de tempo, não foram submetidas a Badiou para que os revisasse. Assim faz-se importante incluir a mesma orientação dada por ele na publicação de suas aulas ministradas na European Graduate School, organizada por Srdjan Cvjeticanin. Em *What is Philosophy?*, Badiou solicita, devido à questões linguísticas, que quando o livro for citado seja explicitamente mencionado na referência que se trata de um texto não revisado por ele. A inclusão de artigos não revisados por Badiou foi feita com o intento didático de oferecer meios para melhor elucidação de sua obra, o que poderá ajudar leitores leigos ou sem formação universitária em filosofia de tradição francesa a entendê-los em suas grandes linhas.

Quero dedicar este livro aos organizadores de *Materialismo histórico e materialismo dialético*, publicado pela Editora Global no Brasil em 1979, em plena ditadura militar. Esta publicação, traduzida por Elisabete A. Pereira dos Santos, registra a “co-autoria” entre Alain Badiou e Louis Althusser. Traduzido do livro epônimo publicado na Argentina pela Editora Passado y Presente em 1972, na véspera do massacre de jovens da esquerda peronista em Ezeiza no início dos anos de chumbo, o livro apresentava o pensamento destes dois inovadores comunistas a um público sem mais acesso à filosofia de criação, profundamente abalada pela censura e do terrorismo de Estado nos dois países.

Porto Alegre, RS, setembro de 2019.